

O “MUNDO-DA-VIDA” E A NOSSA “CASA COMUM”: AS CONTRIBUIÇÕES DE HUSSERL E DA *LAUDATO SI* PARA O DEBATE ECO-AMBIENTAL CONTEMPORÂNEO

THE “LIVING WORLD” AND OUR “COMMON HOUSE”: HUSSERL’S AND
LAUDATO SI CONTRIBUTIONS TO CONTEMPORARY ECO-ENVIRONMENTAL DEBATE

José Carlos Aguiar de Souza¹
José Ricardo Duarte²

RESUMO

O presente artigo visa discutir e analisar os pontos de convergência entre os conceitos de mundo-da-vida de Husserl e de casa comum, presente na encíclica *Laudato Si*, enquanto alternativas às narrativas cartesiana e científicas da modernidade, cuja consequência é engendramento de um projeto de determinação e domínio da natureza. Em primeiro lugar, o artigo apresenta o conceito husserliano de mundo-da-vida enquanto crítica à ciência europeia ancorada na suposta autonomia da razão, a partir de uma leitura da obra **A crise da ciência europeia e a fenomenologia transcendental**. Em seguida, ressalta o modo como a encíclica expressa a concepção de natureza enquanto casa comum, lugar no qual o ser humano mantém com o mundo uma relação intersubjetiva e de envolvimento recíprocos, numa espécie de coabitação. Por fim, reconhece a relevância da ciência como construção do espírito humano, como espaço intermediário das diferentes vozes, além de tecer considerações críticas a respeito da contribuição dada por essas noções para o debate eco-ambiental contemporâneo como contraposição à visão tecnicista e cientificista do mundo.

Palavras-chave: Husserl; Papa Francisco; Mundo-da-vida; Casa comum; Ecofilosofia.

ABSTRACT

*This article aims to discuss and to analyse points of convergence and of fundamental difference between the concepts of world-of-life, by Husserl, and common home, present in the encyclical *Laudato Si*, as alternatives to the Cartesian and scientific narratives of modernity, whose consequence is the engendering of a project of determination and domination of nature. First of all, the article presents the Husserlian concept of the world-of-life as a critique of European science anchored in the supposed autonomy of reason, from a reading of the work *The crisis of European science and transcendental phenomenology*. Then, it highlights the way in which the encyclical expresses the conception of nature as a common home, a place in which human being maintains*

¹ Professor Doutor em Filosofia pela UFMG. Foi reitor do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Atualmente, leciona filosofia na FATEO (Brasília). Professor visitante da Eastern Michigan University, EUA. Leciona e pesquisa nas áreas de filosofia moderna e contemporânea, ecofilosofia, filosofia da arte e estudos hegelianos. Autor de “O Projeto da Modernidade” (Liber Livros).

² Graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino de Belo Horizonte e em Ciências Sociais pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais. Leciona filosofia e sociologia na rede estadual de ensino de Minas Gerais e na Escola Carmo Giffoni de Belo Horizonte.

an inter-subjective relationship and reciprocal involvement with the world, as God's creation to the good of all His creatures in a kind of cohabitation. Finally, it recognizes the relevance of science as construction of the human spirit, as an intermediary space for different voices, in addition to making critical considerations regarding the contribution made by these notions to contemporary eco-environmental debate as opposed to the technicism and scientific view of the world.

Keywords: *Husserl; Pope Francis; World-of-life; Common home; Eco-philosophy.*

“O nível de intervenção humana, muitas vezes a serviço do sistema financeiro e do consumismo, faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos rica e bela, cada vez mais limitada e cinzenta, enquanto ao mesmo tempo, o desenvolvimento da tecnologia e das ofertas de consumo continuam a avançar sem limites.”

(Laudato Si n. 34)

“O MUNDO NÃO É O QUE PENSAMOS!”

(Carlos Drummond de Andrade)

INTRODUÇÃO

A civilização europeia moderna foi constituída em termos de uma razão autônoma como fundamento de todas as operações intelectuais, com reflexos na política, na economia, no direito, na sociedade, na religião, nas artes, na educação, para o meio ambiente e para a ecologia. Com a guinada da modernidade, as revoluções epistêmica, científica e tecnológica se constituem como o modelo de conhecimento, tendo por base o método rigoroso de procedimento, que oferece a garantia dos resultados, através da confirmação empírica dos fatos. Os fatos são destituídos, supostamente, de toda e qualquer interferência subjetiva, na medida em que a nova ciência distingue qualidades primárias das qualidades secundárias das coisas. Tendo por base as evidências empíricas, a ciência é capaz de oferecer uma explicação precisa das regularidades dos eventos do cosmos. A universalização dos fatos observados e comprovados se dá através da formulação de leis que se pretendem objetivas e necessárias, oferecendo o verdadeiro conhecimento da natureza. Esse modo de se conceber a natureza resultou numa grande crise ao mesmo tempo social, cultural e eco-ambiental em níveis inimagináveis para os precursores da idade moderna.

Iremos discutir e analisar os pontos de convergência entre os conceitos de mundo-da-vida e de casa comum, enquanto alternativas à narrativa cartesiana e científica da modernidade, que engendrou um projeto de senhorio e domínio da natureza com todas as suas consequências. O presente artigo visa discutir e analisar os pontos de convergência entre os conceitos de mundo-da-vida de Husserl e de casa comum, presente na encíclica *Laudato Si*, enquanto alternativas às narrativas cartesiana e científicas da modernidade, cuja consequência é engendramento de um projeto de determinação e domínio da natureza. O conceito husserliano de mundo-da-vida representa uma crítica à ciência europeia ancorada na suposta autonomia da razão, a partir de uma leitura da obra. A encíclica do Papa Francisco expressa por sua vez, a concepção de natureza enquanto casa comum, lugar no qual o ser humano mantém com o mundo uma relação intersubjetiva e de envolvimento recíprocos, numa espécie de coabitação.

Vale ressaltar a relevância da ciência como construção do espírito humano. **É necessário tematizar** o espaço intermediário das diferentes vozes, na complexidade da temática eco-ambiental tecendo considerações críticas a respeito da contribuição dada por essas noções para o debate ecológico contemporâneo.

O MUNDO-DA-VIDA: HUSSERL E A CRÍTICA À CIÊNCIA EUROPEIA

Devido ao imenso sucesso metodológico das ciências naturais, o conhecimento científico foi tomado como modelo do verdadeiro conhecimento. Ao levantar questionamentos sobre a ciência e ao afirmar que tal modelo de conhecimento está em crise, Husserl retorna aos gregos, que definiam a ciência como o saber regido pela razão, ou seja, filosofia e ciência eram usadas como termos sinônimos. Para Husserl, a filosofia é a “ciência do universo” na medida em que trata da unidade do saber. Para ele, a ciência tem que ser um conhecimento válido e ao mesmo tempo universal. Em outras palavras, para Husserl, o conhecimento científico tem que ser um saber rigoroso, ser também o mais compreensivo possível, unificando tudo o que existe. Partindo desse pressuposto, a ciência moderna do século XVII, segundo a concepção husserliana, é apenas parte do desenvolvimento histórico da própria filosofia.

Husserl distingue entre as ciências dos essenciais e as ciências dos fatos. A primeira não afirma nada referente aos fatos e não depende de nossa experiência fatural. Lógica e matemática, por exemplo, não dependem da experiência empírica para a validação das suas afirmações. As segundas, por sua vez, dedicam-se aos objetos dados na experiência concreta no espaço e no tempo.

Para Husserl, um dos grandes problemas com as ciências naturais é que elas tratam a natureza apenas como *res extensa*, ou seja, as coisas reais são corpos ou possuem um corpo. (HUSSERL, 1970, p. 315) Nesse sentido estrito, as ciências naturais são ciências dos corpos físicos (HUSSERL, 1970, p. 324) e corpos estão sujeitos à lei da causalidade em geral, que podem ser descobertas indutivamente. (HUSSERL, 1970, p. 315) Trata-se de um conhecimento válido em todo o tempo e para todos na medida em que se detém apenas nas qualidades primárias dos objetos. Deixando de lado as qualidades secundárias, a ciência alcança a verdade para além das relatividades de nossa experiência. Todas as considerações subjetivas e pessoais são excluídas das explicações do mundo.

Entretanto, as ciências naturais são fruto da tentativa da humanidade de conhecer a realidade, sendo, portanto, uma construção social que abrange áreas importantes do conhecimento enquanto tal. Husserl enfatiza a prioridade do espírito na medida em que o mundo da natureza, como nós o conhecemos, é sempre o mundo do sujeito humano. Ao negligenciar esse fato, foi forjada uma concepção de ciência que implementou um projeto de senhorio e de domínio da natureza. Essa nova concepção de ciência se tornou o paradigma científico de racionalidade dominante para se obter o conhecimento da realidade. Esse fato obscureceu “outros modos do ser e do pensar” que se colocam como outros ao domínio estrito da objetividade científica. As ciências são apenas um dos modos de conhecimento em meio à plurivocidade de vozes outras ao saber científico (DESMOND, 1990, p. 29).

Inegavelmente, a ciência ofereceu, e continua a oferecer, uma enorme contribuição no que tange à melhoria de vida da humanidade. O questionamento husserliano, todavia, diz respeito ao sentido e ao propósito da própria existência humana, que não pode ser estabelecido por nenhuma equação matemática.

Devido à especificidade de seu método de análise e atuação, a ciência exclui essas questões fundamentais para a existência humana. Com a separação entre qualidades primárias e qualidades secundárias, a ciência moderna não levanta questões relativas ao sentido, ao propósito e ao valor das coisas e do próprio ser humano.

A crise trazida pelo *ethos* científico moderno se refere à “consciência alienada” do mundo, em que o ser humano não se encontra mais participante de toda a dinâmica da vida (BERMAN, 1981, p. 5). A razão cartesiana ofereceu uma definição do humano em termos de mera *res cogitans*. Um mundo matematizado e quantificado não nutre mais uma reverência ontológica pela natureza como outra, capaz de oferecer um lar para o ser humano. (SOUZA, 2013, p. 116) A linguagem unívoca da matemática é neutra a todos os anseios e questões relativos ao sentido, ao propósito e ao valor das coisas. (7-9) Muito embora as questões humanas não fossem de todo deixadas de lado das considerações dos cientistas, a ênfase no rigor e na objetividade da empreitada científica descartou questões metafísicas fundamentais. O conceito grego de ciência como sendo o saber regado pela razão deu lugar à concepção positivista da ciência, segundo a qual todo conhecimento válido sobre o mundo se restringe às afirmações das ciências empíricas. Assim sendo, o mundo matematizado é manipulável tecnologicamente e se encontra à disposição das necessidades humanas.

Para Husserl, isso tornou possível objetivar as coisas que conhecemos na experiência diária que fazemos com o mundo. Entretanto, esquecemo-nos de que esse mundo matematizado e objetivado é uma natureza idealizada, construída a partir de algumas matrizes sujeitas a questionamento. Toda ciência parte de certas pressuposições que não se encontram contidas no seu método. Para Whitehead, a ciência representa um movimento anti-intelectualista na medida em que nunca se preocupou em esclarecer as suas próprias pressuposições ou ponto de partida da sua empreitada. Para Whitehead, toda ciência parte de um ato de fé na regularidade do fluxo da natureza, por exemplo. Esse fato não pode ser bem como o fato de que são seres humanos que conduzem a investigação científica (WHITEHEAD, 1985, p. 5). O objetivismo extremado da ciência se tornou um *modus operandi* que não leva em consideração os outros modos do ser e do pensar, a não ser a voz unívoca da própria ciência. Para Husserl, considerando-se que a ciência é uma construção social, a crise da ciência, que se estende para outras áreas do saber, tem que ser analisada no contexto da crise da própria cultura.

O ambiente intelectual da modernidade europeia é constituído pela confiança na razão autônoma cartesiana, implicando na possibilidade de que a existência humana possa ser totalmente racional. Em outras palavras, as atividades humanas passam a ser guiadas por normas racionais estabelecidas. A crise da razão representa a crise da cultura europeia. No caso específico da ciência, o resultado da univocalização da atividade científica levou ao objetivismo e ao tecnicismo. Ou seja, a ciência se coloca como o único modo válido de conhecimento, tendo como objetivo o controle da natureza pela tecnologia.

Ao criticar à ciência, Husserl coloca ênfase no mundo-da-vida, que é experienciado ou dado pré-cientificamente. É esse fato que, segundo Husserl, na verdade, sustenta toda a empreitada científica. O mundo-da-vida é muito mais rico do que o mundo matematizado e quantificado dos modelos científicos da realidade. Husserl faz a distinção entre o mundo dos objetos, no qual estamos inseridos, e nossa consciência do mundo enquanto totalidade (HUSSERL, 1970, p. 142.). O mundo que experienciamos é o horizonte de toda práxis possível; o mundo-da-vida é, pois, o horizonte de toda a nossa experiência,

sendo anterior a toda e qualquer teoria ou atividade teórica (HUSSERL, 1970, p. 142.). Apenas em um momento subsequente, este mundo dado anteriormente se torna histórica e epistemologicamente constituído. O mundo-da-vida, dado pré-cientificamente, torna-se tematizado na medida em que vamos imprimindo nossas metas e nossos fins. Assim sendo, o termo “mundo” se refere, em primeiro lugar, ao horizonte no qual habitamos e que nos precede, bem como ao mundo cientificamente constituído. Nesse sentido particular, o ser humano se coloca como prioridade epistêmica privilegiada. E, de tal modo, a ciência obteve sucesso no controle desse mundo, no qual somos levados a nos esquecer de outros modos do ser e do pensar que escapam à tentativa unívoca de dominação conceitual das coisas (DESMOND, 1990, p. 18.) O mundo dado como um horizonte pré-científico é o mundo de nossa percepção comum (HUSSERL, 1970, p. 124.) O mundo experienciado possui um caráter corpóreo que está estruturalmente relacionado com o ser humano, e, por sua vez, não recebe passivamente as impressões variadas dos sentidos, mas se encontra ativamente engajado no ato de percepção (HUSSERL, 1970, p. 106.). Para Husserl, a intuição sensível é o resultado de uma subjetividade ativa.

Por outro lado, o mundo-da-vida se apresenta também como mundo cultural, na medida em que encontramos outros seres humanos dividindo em comum, em relações sociais o mundo horizonte (HUSSERL, 1970, p. 135.) Husserl distingue os aspectos sociais e culturais de nossa experiência de vida no horizonte do mundo-da-vida. Assim sendo, o mundo-da-vida não pode se reduzir à mera descrição de qualidades primárias dos objetos, pois estes possuem também aspectos sociais e culturais. O mundo-da-vida possui, assim, um sentido anteriormente dado no mundo comum a todos nós. Esses aspectos estão presentes na empreitada científica já que o cientista é parte do mundo social e cultural.

Entretanto, o mundo não é apenas interpretado, mas transformado pela ciência moderna. A tecnologia possui um papel impar nas transformações e conquistas realizadas pela revolução científica da modernidade. Husserl pretende estabelecer a estrutura invariável do mundo-da-vida enquanto possuindo validade universal (HUSSERL, p. 113.) Tal estrutura é anterior a todas as outras concepções do mundo. A nossa experiência cotidiana se dá no espaço e no tempo. Nós percebemos os objetos no mundo num determinado momento presente. Isso define o nosso campo de percepção como sendo uma das estruturas invariáveis do mundo-da-vida. Este apresenta regularidades que Husserl as denomina de hábitos. O mundo-da-vida apresenta um modo de causalidade, parte de nossa experiência comum e influencia nossa conduta. Trata-se aqui de um conhecimento dominado por influências pragmáticas que são parte de nossa experiência do dia a dia. Tais experiências não constituem o conhecimento objetivo do mundo científico, mas são mera *doxa*, opinião, em contraste com o que os gregos denominavam de *episteme* ou de verdadeiro conhecimento.

Na perspectiva do cientista, em comparação com o mundo objetivado da ciência, o mundo da experiência vivenciada por nós é visto como subjetivo e relativo. A ciência supostamente supera essa subjetividade relativizada imprimindo o ideal da neutralidade e objetividade científicas. Trata-se das atividades teóricas, sendo, em última instância, a base de validade de nosso conhecimento.

O mundo-da-vida por sua vez é o mundo pré-científico, pré-lógico, pré-teórico. Trata-se de um horizonte visto como campo de nossa atividade, sendo comum a todos nós. Esse horizonte se difere do mundo determinado matematicamente pela ciência, tendo em vista a formulação de conhecimento teórico objetivo. A própria ciência, enquanto atividade cultural, é parte desse horizonte. Husserl busca

elucidar as condições históricas e sistemáticas que permitiram o surgimento da ciência moderna enquanto fato sociocultural. O mundo-da-vida é a base para todas as atividades humanas e, assim sendo, é anterior à própria ciência. Para Husserl, muito antes de a ciência surgir, o mundo-da-vida já existia e continua a existir na época da ciência (HUSSERL, 1970, p. 123.)

O mundo matematizado e quantificado da ciência é um mundo de predicabilidade dos fenômenos, metódico, passível de um ilimitado número de novas previsões. O mundo da ciência é constituído através de abstrações no horizonte do mundo-da-vida. O método matemático possibilita um conhecimento objetivo, determinado e universal do mundo da natureza. A ciência trabalha com idealidades matemáticas que constroem mundos possíveis de atuação. Husserl aponta que essas idealidades, todavia, têm que se fundar na experiência pré-geométrica do mundo. O mundo da ciência é uma construção matemática de idealidades. Ou seja, trata-se de um mundo determinado, exato, definido, ideal e universal.

O método científico se inicia com hipóteses de realidade que necessitam constantemente de verificação. As raízes epistemológicas da ciência têm por base algo que ultrapassa os seus limites estritos de constituição, tais como a pressuposição da regularidade dos fenômenos da natureza e a nossa capacidade de conhecer o mundo. Desse modo, o cientista tem que se referir constantemente ao mundo-da-vida como fundamento e validação das evidências que a ciência alega ser conhecimento objetivo do mundo.

A visão de que o mundo-da-vida seja meramente subjetivo e relativo é o resultado do processo de constituição da ciência moderna, que pressupõe uma separação extremada entre qualidades primárias e secundárias das coisas. A ciência projeta, então, um ideal de objetividade e de conhecimento objetivo altamente questionáveis na perspectiva da crítica que Husserl faz à ciência moderna. Esse fato constitutivo da empreitada científica moderna leva ao não reconhecimento, pelo cientista, de que o mundo-da-vida seja essencial para a formulação das próprias teorias científicas. Para Husserl, a intuição pré-científica do mundo-da-vida é parte constitutiva da própria empreitada científica. (HUSSERL, 1970, p. 123.)

O CONCEITO DE CASA COMUM: A BUSCA POR UMA ECOLOGIA INTEGRAL

A *Laudato Si* apresenta a visão da terra como sendo a nossa casa comum, no sentido mesmo de um lar, que nos proporciona abrigo e nos dá morada. Essa casa comum, contudo, não é uma casa exclusiva dos seres humanos ou de um determinado grupo social, mas pertence a todos povos e culturas, bem como aos animais e às plantas. É uma casa onde todos coabitam e possuem o direito à vida e a uma existência digna.

O Papa Francisco, no início da encíclica, evidencia que a casa comum deve estar aos cuidados de todos, comparando-a a uma “irmã” que deve ser cuidada. Uma irmã que, infelizmente, está clamando contra o mal provocado pelos seus “irmãos”: nossa casa comum está doente, “vislumbra-se nos sintomas que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS, 2015, n. 2).

A partir deste diagnóstico, de que o nosso planeta se encontra enfermo, Papa Francisco propõe que, pelo diálogo, todos nos unamos, sem exceção, na busca por um desenvolvimento sustentável e integral - e só assim se pode atingir as mudanças necessárias - para combater a grande crise eco-ambiental contemporânea. Para isso, ele ressalta a importância da união humana, uma vez que somos seres dotados de razão crítica e de autonomia, isto é, somos seres capazes de intervir no meio ambiente.

Somente como sociedade unida em torno dos mesmos interesses que seremos capazes de alcançar um desenvolvimento sustentável. Numa sociedade individualista e capitalista, em que cada um se preocupa consigo, com o seu lucro, a exortação do Papa reafirma a necessidade de nos unirmos tendo em vista alcançar o bem comum.

É nesta relação de unidade e cuidado que a *Laudato Si* apresenta a concepção de casa comum, que relaciona o cuidado do nosso planeta com a sociedade como um todo e afirma que nesse processo não se pode deixar de lado o aspecto social e humano, em especial no que se refere aos pobres. Em outras palavras, uma verdadeira abordagem eco-ambiental está intimamente ligada à questão social, no sentido de que “deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, 2015, n. 49).

O “social”, todavia, não diz respeito somente aos economicamente pobres, mas a todos, na medida em que estamos conjuntamente inseridos na natureza, sendo necessário buscarmos ideias novas que auxiliem e preservem a casa comum. Entretanto, tal cuidado não deve privilegiar somente o ser humano e, por outro lado, prejudicar ou até mesmo exterminar as demais espécies. Precisamos de soluções integrais que respeitem toda a questão eco-ambiental e, por isso mesmo, “não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS, 2015, n. 139). Se algo é deteriorado no meio ambiente, por consequência se deteriora no meio social, uma vez que ambos estão interligados.

Diante dessa realidade de buscar novas soluções em meio à crise eco-ambiental, o Pontífice afirma se tratar de um desafio urgente diante da gravidade da realidade que se apresenta, sendo necessário “reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente” (LS, 2015, n. 15). Esta se tornou uma questão de sobrevivência, pois “quem está ameaçada de morte, hoje, é a natureza e com ela, o ser humano” (OLIVEIRA e SOUZA, 2009, p. 11). A Terra se encontra agredida diante do atual sistema, que não respeita os limites da natureza, preocupando-se apenas com o aspecto econômico. Francisco exorta a seguirmos por novos rumos, levando em conta os interesses de todo o *oikos*. Assim sendo, o movimento deve ser ecológico e global e não apenas ambiental ou social.

O método apresentado por Francisco para alcançarmos a ecologia integral é a abertura ao diálogo com todos, já que “uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano” (LS, 2015, n. 11). O Papa almeja um diálogo que vise o bem comum, que olhe para o ser humano e para os demais seres da criação. Um diálogo que seja universal e não se restrinja a um grupo ou a um continente. O Papa Francisco, segundo Marçaneiro, “posiciona-se de modo não eurocêntrico, mas efetivamente multicultural” (MARÇANEIRO, 2016, p. 759). A humanidade tem necessidade de estabelecer um diálogo que não seja antropocêntrico, em que o ser humano se sinta no centro de tudo, mas um diálogo ecocêntrico, no qual não há um ser específico no centro que seja superior aos demais seres.

Um outro aspecto importante salientado pelo Papa é que “o antropocentrismo moderno acabou, paradoxalmente, por colocar a razão técnica acima da realidade” (LS, 2015, n. 115). Faz-se necessário revisar o sistema tecnocrático existente, devido às consequências que a revolução tecnológica vem causando ao planeta. Francisco vai além ao afirmar que “o paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento

tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção às eventuais consequências negativas para o ser humano” (LS, 2015, n. 109).

O atual paradigma tecnocrático inflou o ego humano, ao ponto de o capital tornar-se mais importante do que a qualidade e a dignidade da vida. E foi “através da técnica e de seu desenvolvimento que o ecossistema, com toda sua complexidade, transformou-se numa representação humana, antecipada por meio do cálculo e destrutível por meio da Técnica” (OLIVEIRA e SOUZA, 2009, p. 123). O mundo se tornou, nessa cultura da Técnica, apenas uma reserva de recursos que se encontra ameaçada e que pode levar à extinção não somente das diversas espécies de vida, mas da raça humana e do próprio planeta.

O Papa se refere à necessidade de um diálogo que vá além da preocupação com o lucro e que tenha como foco central a vida e o planeta como um todo. Na *Laudato Si*, Francisco alerta que “nunca maltratamos e ferimos nossa casa como nos últimos dois séculos” (LS, 2015, n. 53). A Terra se encontra maltratada diante dos abusos causados por parte da humanidade; esta que, infelizmente, continua tratando com indiferença os problemas urgentes do planeta, fazendo com que, “com muita facilidade, o interesse econômico chegue a prevalecer sobre o bem comum” (LS, 2015, n. 54). O lucro clama mais alto do que a vida. Com isso, estamos perdendo recursos naturais, espécies de animais e plantas sendo extintas. Caminhamos cada vez mais para um caminho sem volta. Enquanto ainda há tempo, precisamos tomar novas medidas que norteiem a nossa vida em sociedade, medidas que respeitem e preservem a vida. O modo como os antigos tratavam a natureza era admirável. Sem dúvidas, na atualidade, seria renovador se as pessoas e grupos, ao invés de pensarem individualmente, se preocupassem em pensar no social, coletivamente, visando não o bem particular, mas o bem comum.

Papa Francisco ressalta que “a liberdade humana pode prestar sua contribuição inteligente para uma evolução positiva, como pode também acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e verdadeiros atrasos” (LS, 2015, n. 79). Cabe à humanidade decidir por qual caminho deseja seguir: o de uma evolução positiva que respeite e preserve o planeta e seres que nele habitam ou o de uma via negativa que caminha para a destruição da vida.

Francisco afirma, no início da encíclica, que a terra se encontra devastada e isso pode ser visto “nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos” (LS, n. 3). A partir daí, o ele buscará expor no decorrer da encíclica as diversas problemáticas e os desafios que vigoram na casa comum. Para Francisco, “embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos,” é preocupante a velocidade com que as diversas mudanças estão acontecendo, já que a evolução biológica age com natural lentidão e não acompanha o atual sistema, que trabalha de modo imediato. Além disso, essas mudanças imediatas não são necessariamente para o bem comum, não se encontram a serviço de todos, mas privilegiam determinados grupos ou indivíduos (LS, 2015, n. 18).

O Papa não condena essa mudança, mas ressalta que se torna preocupante quando ela é realizada sem se importar com o mundo e com a qualidade de vida dos indivíduos. A fluidez contemporânea faz com que as instituições e grupos, até então sólidos, necessitem modificar-se de forma rápida, a fim de se adequarem ao novo ritmo da sociedade. Isso gera inúmeras dificuldades e exclui quem se encontra marginalizado do processo. As mudanças não afetam apenas as instituições sociais, mas influenciam na dinâmica dos diversos recursos naturais, bem como na vida de animais e vegetais existentes no Planeta. Como consequência, isso afeta o equilíbrio natural das coisas, colocando em risco de extinção inúmeras

espécies. O Pontífice adverte que a Terra está perdendo sua biodiversidade devido ao sistema de consumo imediatista atual, que explora recursos acima das possibilidades reais do planeta.

Com diversos problemas no ecossistema, a qualidade de vida humana se vê afetada em especial nos centros urbanos, principalmente para os que estão à margem da sociedade: os pobres. Desde a dificuldade para se conseguir recursos básicos, como água e alimentos, até às questões ligadas ao desperdício de alimentos, à poluição, às emissões tóxicas no ar, piorando ainda mais a vida das pessoas (LS, 2015, n. 44).

Além disso, o Papa pontua a questão da poluição que afeta a todos e a descarga de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da água, pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e agrotóxicos em geral (LS, 2015, n. 20). Desse modo, os que mais sofrem com as diversas poluições são os pobres e os excluídos da sociedade, que “adoecem, por exemplo, por causa da inalação de elevadas quantidades de fumaça produzida pelos combustíveis utilizados para cozinhar ou aquecer-se” (LS, 2015, n. 20).

A encíclica apresenta o clima como “um bem comum, um bem de todos” (LS, 2015, n. 23); mostra que estamos passando por um momento de “preocupante aquecimento do sistema climático” e, por consequência, outros problemas econômicos, sociais e ambientais o acompanham (LS, n. 23). Segundo Francisco, “se a tendência atual se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas” (LS, 2015, n. 24).

Ao tratar da água, o Papa afirma que é impossível sustentar o nível de consumo de água nos países mais desenvolvidos e nos setores de maior capital da sociedade, cujo desperdício desse bem natural acontece em níveis elevados. Para Francisco, mais uma vez, os mais atingidos são os pobres presentes nos países subdesenvolvidos porque sofrem com a poluição, com a falta de água e com a má qualidade, quando se tem acesso ao consumo, deste bem natural. Consequentemente, doenças são transmitidas devido a esse fator. (LS, 2015, n. 29) Acrescenta-se a essa problemática a questão da privatização da água. Uma proposta que se torna cada vez mais comum na sociedade e que deixa ainda pior as condições de vida dos que têm tão poucos recursos financeiros. A encíclica afirma que “o acesso a água potável é um direito humano, essencial, fundamental e universal” (LS, 2015, p. 30). Assim, negar água potável aos pobres é negar-lhes direito à vida.

Diante de tantos problemas eco ambientais, a encíclica denuncia a submissão política à tecnologia e à economia, pelo simples propósito de não mexer no atual sistema econômico: “com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados seus projetos” (LS, 2015, n. 54). Percebe-se que os interesses pessoais e econômicos se antepõem ao bem comum, sendo necessário, enquanto ainda há tempo, procurar por novas diretrizes ambientais e econômicas. O Papa Francisco termina sua encíclica nos lembrando de que São Francisco advoga uma comunhão universal com todas as criaturas: *Laudato Si!*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito embora os conceitos de “mundo-da-vida” e de “casa comum” façam parte de finalidades, de contextos e de projetos distintos, ambos possuem, todavia, um ponto de convergência fundamental no que tange ao questionamento da narrativa científica como a única descrição válida da natureza.

Husserl enfatiza o aspecto pré-teórico de nossa atuação no mundo, que é anterior e, em última instância, inicia e justifica a própria empreitada científica. A *Laudato Si*, por sua vez, apresenta a questão do valor intrínseco ao grande cosmos, enquanto obra da criação. Tanto o mundo-da-vida como a casa comum são conceitos que se referem a algo anterior e mais amplo do que a natureza descrita em termos de uma mera *res extensa*, quantificada, manipulável e entendida em termos de qualidades primárias. Não se trata de negar a ciência como uma das grandes criações do espírito humano, mas de questionar e de apontar os limites da concepção científica do mundo com todas as suas subsequentes consequências.

Assim sendo, esses questionamentos expressos através dos conceitos de “mundo-da-vida” e de “casa comum” contribuem para as discussões em torno da problemática eco-ambiental contemporânea, na medida em que ampliam a visão do cosmos, para além dos limites estritos da teoria científica. Existe um quadro mais amplo que envolve o valor intrínseco das coisas, bem como os aspectos sociais, éticos, econômicos, estéticos e religiosos. Em outras palavras, existe um limite na descrição da natureza em termos apenas das qualidades primárias das coisas, que Husserl e Francisco o apontam e discutem-no.

Para o Papa, nós nos destruímos na medida em que destruímos o lugar de nossa vida, já que somos consciência participante da natureza. Francisco se situa nos debates internacionais a respeito do meio ambiente ao abordar na *Laudato Si* temáticas que ecoam conferências globais sobre o tema. Essa encíclica está em sintonia com a Conferência de Estocolmo (1972) que abordou a relação do ser humano com a natureza de modo harmônico, resgatando o tema do “nosso lar comum”. Na Conferência do Rio (1992), por sua vez, a grande questão era como se desenvolver sem destruir a nossa casa comum e permitir que as gerações futuras desfrutem do grande dom da natureza e como a nossa geração está tendo a oportunidade de desfrutar. Para o Papa, uma fé autêntica, que nunca é completamente pessoal, envolve sempre um desejo profundo de mudar o mundo, de transmitir valores, de deixar o nosso planeta, de alguma maneira, melhor do que o encontramos. A encíclica expressa o amor por toda a obra da criação de Deus e pela família humana que habita o planeta. A Terra é nosso lar comum e todos nós somos irmãos. Todos os cristãos são chamados a mostrar preocupação pela construção de um mundo melhor. Francisco segue, portanto, na mesma linha da Rio + 20, cujos debates orbitavam em torno da economia verde.

Esses grandes debates, em âmbito internacional, ajudam a repensar o nosso relacionamento com a natureza no sentido de promover maior conscientização da gravidade da crise eco-ambiental e dos desafios que ela impõe a todos. Nesse sentido, a *Laudato Si* direciona o seu apelo não apenas aos cristãos de todo o mundo, mas a cada pessoa que habita o planeta para unificar toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável. O Papa considera que a ciência é uma das grandes vozes de apoio na busca de solução para os desafios que a atual crise apresenta.

Kenneth Phifer aponta três elementos importantes na constituição de uma cosmologia baseada na noção de casa comum e que se encontram presentes na *Laudato Si*: o primeiro é a aceitação da dimensão física do espaço em que habitamos. Trata-se de nos sentirmos em casa na espacialidade do mundo. Isso significa que temos que aceitar o fato de que fazemos parte da natureza e que não é possível pensarmos fora dela como pura consciência cartesiana. A terra é o lugar ao qual pertencemos, ela é o nosso lar, a nossa casa comum. Essa casa comum é um lugar físico que oferece conforto e segurança

(PHIFER, 1992, p. 6). Para sentirmos em casa com a natureza, temos que sentir confortáveis com a ideia de sermos parte dela.

O segundo elemento é estar em casa na temporalidade. Para tal, precisamos conhecer a nossa história biológica e sociológica. O passado é sempre parte constituinte de nós e nos modela. A história oferece um senso de continuidade de nossa aventura enquanto humanidade. O passado deve nos instruir, mas vivemos no presente. (PHIFER, 1992, p.) Enfrentamos problemas relacionados à explosão populacional, aos abusos contra o meio ambiente, à ameaça de destruição nuclear, assim como devemos responder à questão de uma cultura planetária cada vez mais pluralista. Para sentirmos em casa no tempo, precisamos conhecer a nossa história e estar atentos aos desafios do presente, estes que determinarão o projeto de um futuro comum enquanto humanidade.

O terceiro elemento é o aspecto relacional de nosso “sentir-se em casa.” Ele envolve a relação intersubjetiva com os outros e com o mundo. O sujeito é o ponto de intersecção entre o espaço e o tempo para criar a manifestação única da vida. Esse modo de intersecção significa pensar o sujeito como um todo interconectado de corpo e mente e em sintonia com o mundo que o envolve. Compreender e aceitar esses componentes de nossa personidade é fundamental para um “sentir-se em casa” de modo integral.

Na *Laudato Si*, o Papa pede por uma ecologia integral; retoma a temática da teologia da criação afirmando que a terra existe muito antes de nós e a Igreja deve ter um compromisso não apenas de protegê-la, mas também de proteger a humanidade da destruição de si mesma. A encíclica faz uma afirmação polêmica de que a crise eco-ambiental foi causada pelo ser humano, inclusive o aquecimento global.

A visão do Papa sobre os problemas ambientais globais deve ser considerada sob a perspectiva das contribuições de uma teologia da natureza e do ser humano. Ele reconhece que o *ethos* da modernidade não oferece mais a matriz que nutre reverência religiosa pela Terra. A sociedade moderna há muito tempo perdeu os tempos e os modos da natureza. O projeto de objetivação e de quantificação das coisas implementou um modo de racionalidade ligado ao espírito geométrico da ciência moderna, que classifica como meramente subjetivo todas as perplexidades finais da existência humana. Depois da guinada cartesiana, a nossa relação com o cosmos é de mera projeção de nossos próprios poderes sobre a natureza.

A concepção antiga do mundo enquanto cosmos contemplava a terra como um lugar onde todos nós pertencemos e encontramos aí uma casa comum; lugar de sentido e de direção. Nessa concepção, a terra seria o lugar onde podemos se sentir em casa, enraizados em algo maior do que nós mesmos. Conceber a terra como nossa casa comum é possuir um sentimento de confiança, de estabilidade, um senso de pertença.

Essa narrativa da natureza ficou obscurecida pela descrição de um mundo projetado segundo às idealidades matemáticas e essa idealização ocupou, de algum modo, o lugar do mundo-da-vida. Como vimos, o sujeito cartesiano passou a se conceber como *res cogitans*, simples coisa pensante, alienada do mundo. O critério da mensurabilidade passa a ser o mais fundamental para o verdadeiro conhecimento das coisas. Tudo o que se coloca para além da matematização é relegado ao reino do ordinário subjetivo em contraposição ao conhecimento científico, supostamente objetivo. Essa concepção obscurece o mundo cotidiano em que vivemos e as questões do sentido e do valor são excluídas do mundo da ciência. Com a destruição do ideal de cosmos, o sujeito moderno experimenta a sensação de desabrigo em

relação ao mundo da natureza. De fato, a revolução científica do século XVII tornou o ser humano uma consciência alienada da natureza, numa espécie de exílio da terra como nossa casa comum. O mundo é concebido como lugar que nos pertence para imprimirmos nossa vontade de potência, em termos de senhorio e domínio. O des-encantamento da natureza representou o fim de uma racionalidade contemplativa, que buscava as causas finais das coisas numa atitude de admiração e reverência e envolvia todo o cosmos. Em seu lugar surge uma racionalidade instrumental, pautada na causalidade eficiente das coisas, e que vê o mundo como um vasto campo de pesquisa em função de um tipo de conhecimento, entendido aqui como um poder sobre a natureza; a famosa equação de Francis Bacon entre saber e poder: *knowledge is power!*

Assim, todos os outros possíveis modos de se descrever a realidade não possuem o suposto grau determinante da razão científica. Nos primórdios da ciência, a matemática passou a ter grande importância na formação de ideias. E a matemática é completamente neutra a todas as questões que envolvem valor intrínseco e reverência religiosa pela Terra (WHITEHEAD 1985, p. 38). Como resultado, a explicação mecânica para todos os processos da natureza (WHITEHEAD, 1985, p. 75).

Todavia, estamos experimentando nesse momento de desconstrução da narrativa científica; isso representa o alargamento da concepção de ciência, no sentido de que o cientista possa incorporar ao seu discurso outras vozes do ser e do pensar, além dos limites do método particular de atuação de cada ciência específica. O reconhecimento dos limites da ciência por parte do cientista não é nenhum demérito para a atividade científica, mas, pelo contrário, sinal de grandeza. A ciência é uma das grandes construções do espírito humano, mas trata-se apenas de uma construção no espaço intermediário das diferentes vozes e modo do ser e do pensar. O próprio sentido da ciência só irá aflorar no espaço intermediário do ser, que ultrapassa os limites da própria ciência. O fundamento da ciência se encontra, segundo Husserl, no mundo-da-vida, que é pré-científico: o mundo-da-vida real é o fundamento do mundo cientificamente verdadeiro (HUSSERL, 1970, p. 131). Isso implica também no reconhecimento de que nós somos parte integral da terra, enquanto nossa casa comum.

O desafio de nossa época é, portanto, criar um mundo melhor utilizando o conhecimento que possuímos para re-descobrir esse nosso senso de pertença à terra enquanto casa comum, enquanto mundo-da-vida. Trata-se de um longo percurso de uma “consciência alienada” para uma “consciência participante” da natureza e do mundo. Há uma clivagem ou separação entre o mundo-da-vida e o mundo da ciência com todas as consequências, que Husserl aponta em sua crítica à ciência moderna e que Francisco menciona em sua encíclica *Laudato Si* ao conceber a terra como nossa casa comum. Esse distanciamento entre o mundo-da-vida e o mundo da ciência precisa ser sanado. E isso representa um duplo desafio, já que não existe como retornamos a uma concepção do mundo enquanto cosmos, a uma natureza encantada, cheia de espíritos, que nutria a narrativa pré-científica. Ao mesmo tempo, precisamos sobreviver, o que implica em um determinado grau de exploração dos recursos do planeta, levando-se em consideração as demandas impostas pela vida moderna. Como resolver essa equação é a grande questão: “*To be or not to be!*”!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marco Aurélio do N. ; NAVARRO, Rafael Lourenço; SOUZA, José Carlos Aguiar de. “A hermenêutica desmondiana: aberturas filosóficas para a discussão ecológica”. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte, v. 13, n. 26, p. 75-97, jul./dez. 2014.
- BERMAN, Morris. **The reenchantment of the world**. Cornell: University Press, 1981.
- BUTTERFIELD, Herbert. **As origens da ciência moderna**. Lisboa, Edições 70, 1992.
- DESMOND, William. **Philosophy and its others: ways of being and mind**. Albany: State University of New York Press, 1990. (Trad., **A Filosofia e os Seus Outros**).
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. Sobre a questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. São Paulo: Vozes, 2010. P. 11-53.
- MAÇANEIRO, Marcial. **Vozes do Sul na encíclica Laudato Si'**: Fontes e Temas. Curitiba: PUCPR, 2016.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de, SOUZA, José Carlos Aguiar de/organizadores. **Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Edições Paulinas, 2012.
- REIS, Émilien Vilas Boas; ROCHA, Marcelo Antônio (Orgs.). **Filosofia da natureza e direito ambiental: fundamentos para uma nova ética ambiental**. Belo Horizonte: Editora Lutador, 2017.
- ROCHA, Lindomar. A identidade da técnica e o controle do mundo. In Pedro Ribeiro de Oliveira, José Carlos Aguiar de Souza/organizadores. **Consciência planetária e religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Edições Paulinas, 2012, p. 123-140.
- ROSSI, Paolo. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Tradução de Antônio Angonese. Bauru, SP: Editora Edusc, 2001.
- SCHEERS, Peter. Towards a metaxológica hermeneutics of plants and animals. Thomas A. F. Kelly (Org.) **Between system and poetics: William Desmond and philosophy after dialects**. Hants: Ashgate, 2007, p. 279-292.
- SMIT, Miles. A world of values in cones and plants. A. F. Kelly/organizador, **Between system and poetics: William Desmond and philosophy after dialects**. Hants: Ashgate, 2007, p. 151-162.
- SOUZA, José Carlos Aguiar de. **O projeto da modernidade: autonomia, secularização e novas perspectivas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- SOUZA, José Carlos Aguiar de. “Bionarrativa e generosidade hermenêutica: um novo olhar sobre a natureza”. In Émilien Vilas Boas Reis, Marcelo Antônio Rocha/organizadores. **Filosofia da natureza e direito ambiental: fundamentos para uma nova ética ambiental**. Belo Horizonte: Editora Lutador, p. 15-36, 2017.

SOUZA, José Carlos Aguiar de. “Entre a sutileza e a geometria: William Desmond e a porosidade do ser religioso”. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 40, n. 126, 2013.

VAZ, Henrique C. Lima. **Escritos de filosofia VII: raízes da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

WHITEHEAD, Alfred North. **Science and the modern world**. London: Free Association Books, 1985.